



ESTADOS UNIDOS

Biden cita "forças ativas" após invasão ao Capitólio

Presidente adverte que a democracia norte-americana segue ameaçada, após "ataque brutal" de 6 de janeiro de 2021. Comissão de inquérito criada pela Câmara dos Representantes culpa diretamente o republicano Donald Trump pela insurreição popular

» RODRIGO CRAVEIRO

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, declarou que as "forças" que estiveram por trás da invasão ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021, ainda representam uma ameaça para a democracia norte-americana. O alerta foi feito no dia seguinte à primeira das seis audiências previstas pela comissão criada pela Câmara dos Representantes para investigar o ataque à sede do Legislativo por parte de simpatizantes do republicano Donald Trump. Depois de realizarem cerca de mil entrevistas e de coletarem 140 mil documentos, os nove integrantes responsabilizaram Trump pela "carnificina".

"É importante que o povo americano entenda o que realmente aconteceu e que compreenda que as mesmas forças que levaram (à insurreição no Capitólio) em 6 de janeiro continuam ativas hoje", declarou Biden, durante discurso em Los Angeles, à margem da Cúpula das Américas. "A insurreição de 6 de janeiro é um dos capítulos mais escuros na história de nossa nação. Um ataque brutal à nossa democracia, um ataque brutal às forças da ordem, com algumas pessoas perdendo a vida", disse Biden. Durante a invasão, cinco pessoas morreram, entre eles um policial.

A expectativa é de que, na segunda-feira, a comissão descreva como o então presidente atuou em "um esforço maciço para espalhar informações falsas e fraudulentas" sobre as eleições presidenciais, apesar de o próprio magnata reconhecer a derrota.

O deputado democrata Bennie G. Thompson, chefe da comissão, alertou anteontem que "a violência não foi um acidente". "Ela representou a última e mais desesperada chance de Trump de suspender a transferência de poder (para Biden). Finalmente, Donald Trump — o presidente dos Estados Unidos — incitou uma multidão de inimigos

Mandel Ngan/AFP



Imagem de vídeo exibida durante a audiência no Congresso mostra Trump discursando pouco antes do ataque à sede do Legislativo

Mario Tama/Getty Images/AFP



domésticos da Constituição a marcharem até o Capitólio e a subverterem a democracia americana", disse. De acordo com ele, o 6 de janeiro foi o "culminar de uma tentativa de golpe,

uma tentativa descarada (...) de derrubar o governo (de Biden)".

Em uma das revelações surpreendentes, a deputada Liz Cheney afirmou à comissão que Trump tentou usar o cargo para

anular a eleição. Sem sucesso, pressionou o vice, Mike Pence, a descartar votos do Colégio Eleitoral em prol de Biden. "Ciente de que os manifestantes gritavam para "enforcar

Mike Pence", o presidente respondeu com esse sentimento: "Talvez nossos simpatizantes tenham a ideia certa. Mike Pence merece isso", relatou Cheney. Ainda segundo ela,

"Trump convocou a multidão, reuniu a multidão e acendeu a chama deste ataque".

Milícia

Historiador político, brasileiro discípulo de Thomas E. Skidmore e professor da Universidade Brown (em Rhode Island), James Naylor Green afirmou ao **Correio** que, com base na audiência de quinta-feira, o comitê legislativo que investiga a invasão ao Capitólio acusa as organizações neofascistas Proud Boys e Oathkeepers de colaborarem com Trump para a insurreição.

"Quando Trump convocou as pessoas a marcharem rumo ao Capitólio, enviou a mensagem à multidão que apoiaria os Proud Boys na invasão ao Congresso. Essas milícias, embora estejam sob acusação e investigação, são fortes. Entre 30% e 40% da base do Partido Republicano apoiam a mentira de Trump de que as eleições foram fraudadas. Isso é uma indicação de que essas forças ainda estão presas e ativas no seio do Partido Republicano", advertiu Green.

Bruce Ackerman, professor de direito e de ciência política da Universidade de Yale, explicou à reportagem que, sob a 14ª Emenda à Constituição, caso Trump tenha se "engajado em uma insurreição contra os EUA", ele ficará proibido de exercer outro mandato. "A declaração de Biden indica que o democrata apoiará as atuais propostas legislativas para ativar a 14ª Emenda, o que aumenta as chances de veto ao republicano", comentou. "Mesmo que Trump seja desqualificado, os republicanos tentarão nomear outro extremista demagogo como candidato. Se o escolhido derrotar Biden em 2024, o novo presidente destruirá o sistema eleitoral e estabelecerá um regime autoritário muito parecido com aquele que Bolsonaro criará, se vencer em 2023. Nesse caso, levará uma geração ou mais para restaurar a democracia no mundo", acrescentou o estudioso de Yale.



Podemos nos unir e defender esta nação, democrata e republicana, não permitir que ninguém coloque (...) uma faca no pescoço de nossa democracia"

Joe Biden, presidente dos Estados Unidos

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Amazônia atravessa o samba na Cúpula

A viagem do presidente Jair Bolsonaro aos Estados Unidos, para a Cúpula das Américas, tinha como peça central — pela perspectiva do Planalto e do Itamaraty — o esperado primeiro encontro cara a cara com o anfitrião, Joe Biden. Mas a passagem por Los Angeles, que recebeu o encontro, foi sombreada, principalmente para consumo externo, pelo desaparecimento de um jornalista britânico e um indigenista brasileiro na Amazônia, no domingo que antecedeu a abertura da reunião. A área onde se desenrola o episódio reúne três dos principais elementos que concorrem para a devastação da floresta: tráfico de madeira, tráfico de drogas e garimpo ilegal, tudo

em território indígena.

Uma medida do impacto da notícia na opinião pública internacional ficou à mostra pelas ruas de Los Angeles. Antes mesmo do desembarque de Bolsonaro, sua imagem circulava em outdoors que desfilavam em caminhões, ao lado de frases de denúncia sobre o desmatamento. Outros cartazes mostravam o rosto dos desaparecidos e a pergunta incômoda: "Onde estão Dom (Phillips) e Bruno (Pereira)?"

A agenda ambiental, que persegue o presidente brasileiro a cada novo relatório sobre o avanço das queimadas e motosserras pela mata, foi um dos fios condutores da Cúpula de Los Angeles,

por escolha do presidente americano. Pronunciamentos e gentilezas protocolares à parte, o Brasil continuará a ser monitorado e questionado pelos encarregados do tema em Washington.

Quebra-gelo

Restou, do ponto de vista da diplomacia brasileira, a missão cumprida de colocar Bolsonaro e Biden frente a frente, depois de ano e meio de frieza. Em termos práticos, as relações bilaterais seguem pelos canais próprios, nos próximos meses, enquanto a Casa Branca e o Departamento de Estado observam o desenrolar da campanha pelo Planalto e da eleição de outubro — com os possíveis desdobramentos no cenário político em Brasília.

Dito por não dito

Antes de entrarem para a reunião bilateral, os dois presidentes

trocaram declarações diante da imprensa, por cerca de 10 minutos. Atentos ao roteiro traçado pela diplomacia profissional, evitaram abordar diretamente os (muitos) tópicos que opõem seus governos, mas trataram de plantar, cada qual, algum recado.

O anfitrião falou na preservação da Amazônia como "responsabilidade internacional", em que os demais países ajudam a financiar os esforços do Brasil. E aproveitou uma referência ao "valor comum" da democracia para reafirmar sua confiança "nas instituições" brasileiras.

Bolsonaro, em resposta, pontuou que o país, "por vezes", percebe sua soberania "ameaçada" quando se fala da floresta. No terreno político, mencionou que teremos eleições "limpas, confiáveis e auditáveis" — esta última, a palavra escolhida para renovar restrições às urnas eletrônicas, que ganharam o aval de emissários de Biden em diferentes visitas feitas recentemente a Brasília.

Nome aos bois

Na breve fala, Bolsonaro se referiu à guerra no Leste Europeu, mas com o cuidado de escolher as palavras para não dar nome aos bois. Preferiu falar da disposição de seu governo a ajudar na solução "deste episódio que não queremos entre Ucrânia e Rússia".

Antes de partir para Los Angeles, o presidente brasileiro fez questão de destacar que tinha sido recebido por Vladimir Putin, no Kremlin, "por mais de uma hora".

É o que importa

Até pela relação com os desdobramentos da guerra, o presidente fez da posição do Brasil como exportador de alimentos um dos carros-chefes da participação na Cúpula de Los Angeles. Ressaltou que "o mundo depende muito" do país para a "sobrevivência". Exaltou o agronegócio,

com sua "tecnologia incomparável", e reforçou a vocação para ocupar o quanto possível o espaço aberto no mercado internacional por Rússia e Ucrânia, dois principais fornecedores, especialmente de grãos.

Como nos anos 1970, com o general Médici no Planalto e Delfim Netto no comando da economia, o lema é: "exportar é o que importa".

Linha de impedimento

Bolsonaro levou para os EUA, na comitiva, o presidente da Câmara, Arthur Lira, que deveria exercer a Presidência como interino, já que também o vice, Hamilton Mourão, está em viagem no exterior. Como ambos pretendem disputar as eleições de outubro, ficariam impedidos de registrar a candidatura caso substituíssem o presidente. Deixaram o encargo para o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, que tem mandato até 2026.